

Escrevivência: inspiração teórica e metodológica como caminho para uma educação em ciências interseccional

Escrevivência: as methodological and practical inspiration for an interseccional Science Education

Simone dos Santos Ribeiro

Professora da Rede Municipal de Educação de Florianópolis, doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Científica e Tecnológica PPGECT/UFSC; zenlua@gmail.com, orcid: 0000- 0003-0873-4474 4

Patrícia Montanari Giraldi

Professora d Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica/UFSC; patriciamgiraldi@gmail.com, orcid: 0000-0002-5271-6479

Suzani Cassiani

Professora d Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica/UFSC; suzanicassiani@gmail.com, orcid: 0000-0001-8824-9342

Resumo

Partindo da compreensão histórica de dominação colonial e da colonialidade como efeitos políticos e sociais dela resultantes, nos atemos aos conceitos de raça, classe e gênero como fontes recursivas de dominação e subalternização de territórios e povos colonizados. Com intencionalidade marcada, nos instiga identificar estratégias de resistências presentes no entrecruzamento dessas opressões como instigadoras de formas de ser e estar no mundo. Assim, lançamos mão da interseccionalidade como possibilidade analítica na pesquisa, em diálogo com o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, como inspiração para bases epistêmicas e metodológicas comprometidas com uma Educação em Ciências contra-hegemônica.

Palavras chave: Escrevivência, Epistemologias Negras, Educação em Ciências contra hegemônica, Interseccionalidade, Conceição Evaristo.

Abstract

Starting from the historical understanding of colonial domination and coloniality as resulting political and social effects, we focused on the concepts of race, class and gender as recursive sources of domination and subordination of colonized territories and peoples. With marked intentionality, it instigates us to look at the intersection of these oppressions as potentiators of the construction of knowledge. Thus, we use intersectionality as an analytical possibility in research, in dialogue with Conceição Evaristo's concept of writing, as inspiration for epistemic and methodological bases committed to counter-hegemonic Science Education.

Keywords: Escrivivência, Black Epistemologies, Counter-hegemony, Science Education, Intersectionality, Conceição Evaristo.

[...] Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda [...] [...] tinha pra contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida [...] [...] Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma História viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto (EVARISTO, 2017 p.149).

Início de diálogo

Aproximar literatura ao Ensino de Ciência é uma prática que vem se consolidando no decorrer dos tempos e que soma ganhos interessantes para o campo de pesquisa (RIBEIRO, SANCHEZ e CASSIANI, 2019). Porém, parte de textos literários selecionados para trabalhos nesta área do conhecimento são reprodutores de uma ciência distanciada de questões sociais contribuindo para o alargamento de injustiças e subalternizações. Porém, por meio de um referencial teórico anticolonial comprometido com o enfrentamento de racismos, sexismo, machismo e homofobia foi possível identificar pesquisas que complexifica o lugar do escritor literário e é capaz de apontar perspectivas múltiplas para a literatura e, por consequência ampliar possibilidades de abordagens na Educação em Ciências¹, trazemos como exemplos os trabalhos: Schindwein, (2018) em uma perspectiva decolonial para o ensino de biomas contextualizada com o poema Morte e Vida Severina do autor João Cabral de Melo Neto; Dornelles e Giraldi, (2019) que trabalham com o diário de Carolina Maria de Jesus em uma reflexão sobre justiça social na formação de professores de Ciências; Ferreira, (2020) trazendo HQ produzidos no Brasil sobre Orixás evidenciando efeitos de colonialidade e questionando uma hegemonia epistemológica eurocentrada no Ensino de Ciências e Ribeiro, Sanchez e Cassiani, (2019) desvelando o racismo ambiental e as colonialidades presentes no texto de Conceição Evaristo.

Voltando à epígrafe deste texto lançamos mão de um provérbio africano para a estruturação do pensamento que permeia este trabalho: “*Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça.*” Com a simbologia de leão caçado nos aproximamos de *Maria-Nova*, personagem do livro *Becos* da memória da autora negra Conceição Evaristo, que nos fala de uma história invisibilizada e silenciada por séculos. A menina consciente das dores e dificuldades que a rodeiam sabe, o quê, precisa ser dito. E é com interesse nessas narrativas e em conhecimentos que delas emergem que esta proposta se delineia. De maneira ampliada, pretendemos problematizar o lugar pré estabelecido para as mulheres negras na nossa sociedade e reivindicar a possibilidade de construção de conhecimentos a partir de seus corpos.

Neste compromisso, a escolha de referenciais é estratégica, refletiremos sobre o conceito de escrevivência a partir do pensamento de autoras como: Lélia Gonzalez com uma ferramenta analítica que permite entendermos opressões sobre o corpo das mulheres negras no Brasil, pontos do pensamento epistemológico de Patrícia Hill Collins, análises da historiadora Beatriz Nascimento sobre o potencial de organização social dos quilombos como estratégia de resistência e, por último, a partir de abordagens desenvolvidas em outras áreas do

¹ Utilizamos aqui educação em ciências para conferir um sentido mais amplo que vá além de conceitos e conteúdos, que contempla dimensão social, cultural e política do fazer científico.

conhecimento aventar possibilidade metodológica para este campo de estudos (FELISBERTO, 2020).

Para este caminhar nos fazemos os seguintes questionamentos: Qual o potencial da interseccionalidade como ferramenta analítica na educação em ciências? Que possibilidades nos trás a escrevivência para além de seu potencial literário?

Interseccionalidade e a construção de conhecimentos

A legitimação de conhecimentos é resultado de uma série de fatores que se relacionam com a colonialidade do saber: desde que lugares e quem são as pessoas autorizadas a produzir conhecimentos? Em resposta a estas questões e em face do racismo estruturante da nossa sociedade lançamos mãos da interseccionalidade como ferramenta analítica e apontamos teorias desenvolvidas por intelectuais negras para entendermos esse processo.

Lélia Gonzalez trouxe demandas das mulheres negras brasileiras para os movimentos feministas por volta da década de 1980, junto com outras ativistas como Sueli Carneiro e Luiza Bairros (AKOTIRENE, 2019) a intelectual falava sobre o entrelaçamento entre opressões que sofriam as mulheres negras. Porém, o termo interseccionalidade que nomeia este fenômeno nasce no centro do movimento feminista negro na década de 1970, quando militantes negras estadunidenses denunciavam a invisibilidade das mulheres negras, dentro das pautas de reivindicações feministas (RIBEIRO, 2018). Desta forma, interseccionalidade é definida como um conceito chave que ajuda a enxergar sujeitas que são atravessadas por opressões de classe, raça e gênero sem a hierarquização entre as opressões.

Com a pretensão de problematizar questões que justificam o olhar interseccional na produção dos conhecimentos, apontamos desde os feminismos Negros a necessidade de um olhar diferenciado no que tange às reivindicações das epistemologias feministas (tradicionais). De um lado se o feminismo (tradicional) denuncia a desconsideração das mulheres no âmbito da construção dos conhecimentos científicos, cogitamos que essa situação atinge ainda mais mulheres que além de serem atravessadas por opressões de gênero, apresentem também atravessamentos de raça e de classe como consequência direta do colonialismo e do capitalismo no Sul Global (RIBEIRO, GIRALDI E CASSIANI 2019).

Patrícia Hill Collins (2019) se debruça sobre o desenvolvimento de conhecimentos e desafia o conceito hegemônico de intelectualidade apontando a essa denominação pessoas que organizam os conhecimentos de resistência, desta maneira é importante olhar para fontes não tradicionais de produção intelectual, como possibilidade de burlar silenciamentos trazendo a tona conhecimentos desenvolvidos por pessoas que não sejam autorizadas ou não transitem em meios autorizados à produção de conhecimentos, aqui podemos entender a literatura, música, poesia, teatro e outras fontes de produção.

Em convergência com esse entendimento, a literatura de escrevivência é uma possibilidade promissora para que conhecimentos desde corpos negros e femininos possam ser considerados com possibilidades de agência (CORTEZ, 2016 e FELISBERTO, 2020).

Contextualizando o conceito de Escrevivência

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946 na cidade de Belo Horizonte. Estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série Cadernos Negros, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Como marca da colonialidade teve seu primeiro livro publicado só depois de 20 anos que foi escrito, apesar desse fato

representar um grande movimento de insurgência, remete também, às dificuldades estruturais presentes no contexto brasileiro para a produção de minorias políticas (SILVA *et al*; 2011).

Na fala de Conceição Evaristo a *escrevivência* é um conceito-experiência que nasce em sua dissertação de mestrado, no ano 1995 (EVARISTO, 2020). Trata-se de uma ação de escrita que pretende desestruturar cenários em que as mulheres negras têm sua voz e potencialidades controladas. A essa potencialidade o pesquisador Duarte, (2020), propõe aproximação entre *escrevivência* e *quilombismo*, desvelando um propósito pedagógico em que elementos geradores da condição subalterna podem operar no sentido de transformação e elevação de imagem e condição. Ainda sobre o *quilombismo* a ativista e historiadora, Beatriz Nascimento (RATSS, 2006), recorre à história não contada e retrata os quilombos como uma metáfora, uma maneira de estar no mundo juntando saberes corporais, intelectuais e espirituais, apresentando o quilombo como parte desse corpo que não é pensado somente como um território a ser alcançado, mas como um processo do saber negro, adquirido a partir da vivência, ancestralidade, resistências, valores culturais e políticos como potência (NASCIMENTO, 2018).

Seguindo o sentido metafórico em relação ao quilombo, Lélia Gonzalez, (1983) nos afirma que a mulher negra tem sido quilombola e graças a ela, podemos dizer que a identidade cultural brasileira passa necessariamente pela mulher negra. Com suporte epistemológico embasado na psicanálise de Lacan e Freud, Lélia González analisa que a negação do passado escravocrata da sociedade brasileira produz o racismo como sintoma. A dita “democracia racial”, como estrutura mítica, oculta violências física e simbólica por trás das atribuições destinadas ao corpo feminino e negro como prestação de bens e serviços. Assim, aproximando o pensamento de Patrícia Hill Collins com as imagens de controle, Lélia González expõe a caracterização com heranças escravocratas para as mulheres negras como mulata, doméstica e mãe preta, faces de uma mesma mulher negra a depender da função que ela exerce: *mucama* igual *mulata* - negra desejada e proibida; *mucama* como doméstica - serviçal permitida ou; *mãe preta* como exemplo extraordinário de amor e dedicação aos senhores (GONZALEZ, 1983).

Nossa atenção aqui recai sobre a imagem simbólica da “mãe-preta” com a referência de resistência passiva e que merece ser olhada com profundidade. Ela se insere na dinâmica familiar com seus valores e crenças passando para os brancos categorias da cultura negro-africanas, transformando o idioma em “*pretugues*”, ela ensina a linguagem na ordem da cultura. A autora também trabalha com a categoria “*amefricanidade*” acreditando na construção de uma cultura que é africana e americana no caso do Brasil (GONZALEZ, 2020). Conceição Evaristo nos fala que a força da *escrevivência* está na imagem da “*mãe-preta*”:

E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” p.30).

A mãe preta que na ideia dos brancos cumpre um papel de subserviência e derrota encobre uma engenhosidade de resistência pacífica que confunde o expectador menos atento e os impede de enxergar mecanismos de resistência profundos que carregam a destreza de sobrevivência e conservação de seus corpos e memória, configurando arquivos vivos de uma história que tenta ser apagada com brutalidade e violência.

Na escrevivência o viés coletivo que perpassa caminhos de vida não são pré determinados e cada pessoa terá um modo de escrever. Neste sentido, nossa percepção sobre a potência da escrevivência está nas múltiplas possibilidades de construção em meio aos coletivos que estamos imersos, principalmente quando pensamos na educação, incluindo a formação de professores. O potencial epistemológico representará as especificidades subjetivas, de memória, históricas e coletivas.

Assim, é possível pensar que para além de potencial literário e metodológico, a escrevivência pode embasar a escolha de um caminho que é político, social e cultural, os quais são intrínsecos à luta das mulheres negras. Na fala de Angela Davis: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (DAVIS, 2017).

Pensando em uma Educação em Ciências que permeie por caminhos enunciativos de histórias e conhecimentos diversos

[...] Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente (EVARISTO, 2017 p.149).

No desfecho do pensamento de *Maria-Nova* trazido na epígrafe deste texto a menina nos presenteia com a possibilidade de escrever, de nos contar histórias que foram forjadas a ferro em sua existência somada à existência de muitas. Sua versão da história não está retratada nos meios de validação de conhecimentos, mas ecoam insurgentes nas inúmeras formas de expressão de mulheres negras, meninas e “*mães pretas*” em letras de música, poesias, literaturas e Slams, que circulam espalhando suas vozes. Em outra perspectiva e não menos importante o caminho da escrevivência nos convida a olhar para a produção das mulheres, estudantes negras e pesquisadoras que vem rasurando o concreto da hegemonia acadêmica branca e masculina fazendo brotar produções científicas de antes e de agora que nos trouxeram e trazem contribuições. De maneira prática a escrevivência é um convite para referenciar pessoas pretas e trazê-las para dialogar com teóricos da área, a exemplos de: Pinheiro, (2019) da área de ensino de química que dialoga com a construção científica desde África; Nascimento, (2020) que escreve sobre os efeitos da branquitude na educação em ciências; Verrangia, (2010) que propõe trabalho com a educação para as relações étnico raciais no ensino de ciências. Nessa perspectiva a produção de conhecimentos acontece burlando a norma colonial estabelecida ao invés de trabalhos *sobre* pessoas negras, sexualizadas e racializadas pode-se trazer trabalhos *formulados por* pessoas negras e tensionando padrões e construindo marcos de validação de um pensamento teórico alicerçado desde mulheres negras (Bueno, 2020).

Como caminho metodológico a escrevivência é um ato político, conhecimento produzido desde as lutas das mulheres negras. Portanto ele prescinde posicionamento político. As autoras partem de pensamentos, sentimentos e leituras de vida para a elaboração de conceitos da área, atribuem significados e evidenciam processos históricos em consonância com os contextos de vida, no caso da educação em ciências significa olhar para os conceitos científicos e identificar aspectos históricos, sociais ou de produção que tenham coerência política com as lutas diárias dessa parcela da população.

Como um exercício emancipatório, o processo de escrita e reflexão possibilita entender-se

como heirarquizadas, esse processo instiga a insubmissão para outras esferas de nossa existência (BORGES, 2020).

Para Borges, (2020) a escrevivência é como um arquivo imaterial e simbólico de discursos e enunciados silenciados da memória coletiva. O autor descreve que é preciso resgatar o conjunto de conhecimentos dos meios de sobrevivência no pós escravidão invisibilizados, para a construção de um projeto de nação justo (BORGES, 2020). De maneira pontual, como exemplos é possível pensar em contribuições desde a segurança alimentar, meios de conservação do ambiente, voltando o olhar apara o quilombo como um projeto engenhoso de sobrevivência que persiste até os dias de hoje nas camadas subalternizadas.

A educação em ciências pode resgatar esses conhecimentos com abordagens sobre o racismo, sexismo, classismo e patriarcado, mostrando tanto como a ciência foi opressora, quanto mostrar anúncios de como atuar numa educação em ciência contra-hegemônica, produzindo outros sentidos (RIBEIRO, GIRALDI E CASSIANI 2019). Sem presunções conclusivas, inspiradas em saberes silenciados, observamos potencial epistemológico nas escrevivências com distintos usos na academia (FELISBERTO, 2020), tanto como literatura de escolha para a sducação em ciências, mas também como uma escolha metodológica de caminho de pesquisa e de escrita. Na formação inicial e formação continuada de professores que desejem trabalhar uma educação em ciências que tenha em seu horizonte o enfrentamento de colonialidades. Enfim, nossa proposta é uma maneira de deslocar a reprodução e perpetuação das relações de poder já estabelecidas no contexto de construção de conhecimentos científicos. Assim sendo, é necessário criar formas de discutir o propósito da ciência e de seu ensino, através da problematização de suas histórias e construções de sentidos, anunciando outros conhecimentos e promovendo um diálogo de saberes.

Agradecimentos e apoio

Capes/PRINT e CNPq

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BORGES, Rosane. Escrevivências em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. *In*: Duarte e Nunes, Constância Lima e Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro:Mina comunicação e arte, 2020.p.(182)- (205).

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Editora Zouk, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo Editorial, 2019.

CÔRTEZ, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: **Idea**, p. 51-60, 2016.

DAVIS, Alves A. Angela. Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela. **El País [Internet]**, 2017.

DOS SANTOS RIBEIRO, Simone; GIRALDI, Patrícia Montanari; CASSIANI, Suzani. “AS NÃO AUSENTES”: OLHAR INTERSECCIONAL PARA A ECOLOGIA DE SABERES. **Revista Fórum Identidades**, 2019.

DORNELES, Dionia Eli; MONTANARI GIRALDI, Patrícia. Diálogos inspirados em Carolina Maria de Jesus: decolonialidade na formação de professoras (es) de ciências. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**, v. 9, n. 2, 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. Escrivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiáspórica. *In*: Duarte e Nunes, Constância Lima e Isabella Rosado. **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020.p.(74)- (95).

*EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Pallas Editora, 2017.*

EVARISTO, Conceição. Escrivências e seus subtextos. *In*: Duarte e Nunes, Constância Lima e Isabella Rosado. **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020.p.(26)- (47).

FERREIRA, Kassiano; GIRALDI, Patricia Montanari. Decolonialidade Quadrinística e Educação Ambiental. **Revista Sergipana De Educação Ambiental**, v. 7, n. Especial, p. 1-15, 2020.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivência como rota de escrita acadêmica. *In*: Duarte e Nunes, Constância Lima e Isabella Rosado. **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020.p.(164)- (181).

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrivência: sentidos em construção. *In*: Duarte e Nunes, Constância Lima e Isabella Rosado. **Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020.p.(164)- (181).

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020. GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura Brasileira. **Silva, Luiz Antonio. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. ANPOCS. Brasília, 1983.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição**. Filhos da África, 2018.

RATTS, Alex. Eu sou atlântica. **Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto, 2006.

NASCIMENTO, Carolina Cavalcanti do et al. Educação das relações étnico-raciais: branquitude e educação das ciências. 2020.

SILVA, Fernanda Felisberto da. **Escrevivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neale Hurston**. Tese. (Doutorado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

SCHLINDWEIN, Ana Lara et al. Caminhos decolonias às margens do Ensino de Ciências através do poema Morte e Vida Severina. 2018.

Ribeiro, S., Sanchez, C., & Cassiani, S. (2019) Encontros com Maria Nova e os desencantos com o racismo ambiental. In Cassiani, S., & Linsingen, I. (Orgs.), Resistir, (Re) existir e (Re) Inventar a educação científica e tecnológica (pp. 387-400). Florianópolis, Brasil: Núcleo de publicações.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, p. 329-344, 2019.

UCPA, União dos Coletivos Pan-Africanistas; GONZALEZ, Lélia. Primavera para as rosas negras. **Rio de Janeiro: Diáspora Africana**, 2018.